

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Maria Eduarda Burgos

UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE O ENSINO DA DANÇA DE SALÃO EM  
ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Rio de Janeiro

2021

Maria Eduarda Burgos

UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE O ENSINO DA DANÇA DE SALÃO EM  
ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Este é um trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Silvia Camara Soter da Silveira

Rio de Janeiro

2021

## AGRADECIMENTOS

*A Professora Silvia Sotter, pelos textos, orientação, seu grande desprendimento em ajudar-me e amizade sincera.*

*Aos Professores e amigos Mauro Lima e Adriana Aguiar pelo incentivo e grande ajuda com o fornecimento de material para a realização deste trabalho.*

*Agradeço à banca por ter aceitado ler meu trabalho.*

*Agradeço à faculdade de educação por todos os ensinamentos ao longo da minha formação, não só como futura pedagoga, como também, como ser humano.*

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais, ao irmão, ao meu amor Lucas, aos meus melhores amigos, a toda minha família e a toda equipe de dança de professores e bolsistas do espaço improviso que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. E claro, um agradecimento especial aos meus filhos felinos por me acompanharem em cada processo de formação acadêmica com seus ronronados, deitando em cima de meus textos e passeando sobre o teclado do computador.*

## RESUMO

A dança encontra-se presente no mundo desde os primórdios da humanidade, quando os povos mais antigos dançavam, para a chuva e para o sol, para seus Deuses e para as pessoas mortas ou como uma das muitas formas de comunicação. A partir do século XV, a dança passou a ser executada nos grandes salões dos palácios, sobretudo a valsa, inaugurando o que hoje se conhece como danças sociais ou Dança de Salão. A qual se dança a dois e que engloba vários ritmos. A dança de salão foi introduzida no Brasil em 1914, a princípio com a valsa e a mazurca. Os ritmos mais presentes nos salões do Brasil atualmente são: soltinho, forró, samba de gafieira, tango, bolero, salsa e zouk. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a dança de salão, analisando as representações sociais que cercam esta prática para compreender como esta atividade pode impactar o processo de socialização de seus praticantes. O trabalho apresenta uma pesquisa com professores, alunos e bolsistas de uma academia de dança da cidade do Rio de Janeiro. Os participantes da pesquisa têm uma visão positiva da prática da atividade de dança de salão. Por fim, há uma análise de como a dança pode ser utilizada como prática pedagógica no contexto de educação não formal. Alguns resultados demonstram que uma boa aula ou uma aula ideal é sempre pautada no conceito de que as dificuldades são superadas e limites são ultrapassados pelos alunos. Além de ser uma atividade física, que no conjunto, traz benefícios físicos aos seus praticantes, os relatos sobre o trabalho com a timidez e autoconfiança são pontos relevantes nas respostas.

**Palavras chave:** educação não formal; dança de salão; práticas pedagógicas; socialização.



# SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO   | 07 |
| CAPÍTULO 1 - DANÇA DE SALÃO, UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO | 11 |
| 1.1. A história da dança                                 | 11 |
| 1.2. A dança de salão                                    | 14 |
| 1.3. Dança de salão no Brasil                            | 17 |
| CAPÍTULO 2 – NA VOZ DE PROFESSORES, ALUNOS E BOLSISTAS   | 21 |
| 2.1. A relação entre os entrevistados e a dança de salão | 23 |
| 2.2. A formação continuada e aperfeiçoamento das aulas.  | 24 |
| 2.3. Percepção e benefícios da dança de salão            | 27 |
| CAPÍTULO 3 – A DANÇA DENTRO DA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA    | 31 |
| 3.1. Concepções e conceitos sobre a educação             | 31 |
| 3.2. Educação formal, informal e não formal              | 32 |
| 3.3. A dança em uma perspectiva pedagógica               | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS                                     | 40 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS                               | 43 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de uma reflexão pessoal a respeito da experiência vivida por mim ao ministrar aulas de dança de salão dentro de uma academia de dança desde o ano de 2017, quando ingressei, conjuntamente, na Faculdade de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

Esta experiência me proporcionou a curiosidade de como eu poderia aplicar meus estudos dentro das aulas as quais eu ministrava, e como que eu podia aproveitar o conteúdo que eu aprendia dentro da faculdade, trazendo para dentro do meu universo de dança de salão com os meus alunos.

Sempre tive interesse em entender como funcionavam a organização e a elaboração das aulas de dança de salão, dado o fato de que ali, os profissionais não haviam tido um contato com as disciplinas ensinadas em um curso de pedagogia como didática e planejamento, por exemplo. No entanto, foi a partir do momento em que comecei a ministrar as aulas, que essa curiosidade se acentuou, visto que eu utilizava muito do que eu aprendia no curso de pedagogia que eu cursava para desenvolver estratégias para realizar minhas aulas. Passei a me perguntar: como que os outros professores de dança faziam? Isso me motivou a aprofundar o estudo desse tema.

Como prática social, a dança é uma das mais antigas formas de comunicação e relacionamento social da humanidade, promovendo socialização, educação, desenvolvimento corporal e artístico. Como práticas pedagógicas relacionadas ao movimento corporal, a dança ousa oferecer subsídios para aprimorar o desenvolvimento do corpo. O repensar pedagógico do ensino de dança, no caso dessa pesquisa, da dança de salão, ultrapassa os limites das escolas de dança tradicionais e adentra todo um universo mais amplo cuja atividade pode e deve ser priorizada como produto final de bem estar.

A dança reflete uma característica humana inata, a de se comunicar em diversas esferas. Para Almeida (2005), a dança é uma das manifestações artísticas mais antigas, com origem em gestos e movimentos naturais do corpo humano e com o intuito não só de comunicação, mas, a partir dela, também, de expressão de emoções e sentimentos. Almeida (2005) elucida que a dança de salão além de explorar a criatividade e a



imaginação, traz a estes movimentos a expressão da alma, gerando compensação e bem estar.

A dança, como manifestação cultural, representa um dos enfoques desta pluralidade, trazendo em si a diversidade de expressões, necessidades, ensejos e possibilidades de comunicação em diferentes épocas (ABREU, 2008). Na contemporaneidade e, pensando especialmente no contexto escolar, a dança oferece um campo inesgotável de conhecimentos que leva os indivíduos a se perceberem como sujeitos históricos, a se reconhecerem em sua totalidade, a se alfabetizarem corporalmente, a se relacionarem com as outras pessoas, a brincarem com a dimensão tempo-espço e a perceberem as distintas formas de expressão a partir das mais variadas culturas

A presente pesquisa tem por objetivo analisar como se dá o ensino da prática de uma vertente específica da dança, a dança de salão, a partir de uma perspectiva pedagógica apoiada em minhas vivências como aluna, instrutora de dança de salão e futura pedagoga.

Como muitas jovens de classe média, eu tenho contato com a dança desde muito nova. Durante toda a minha infância frequentei aulas de ballet clássico, ballet contemporâneo, sapateado e ginástica rítmica, como atividades extracurriculares dentro da minha primeira escola. Acompanhada dos meus pais, também costumava assistir a diversas apresentações de dança no Rio de Janeiro. Também participei de uma viagem para o maior festival de dança do Brasil em Joinville.<sup>1</sup> Esse contato com a dança desde muito cedo, me despertou um fascínio muito grande com tudo que fosse relacionado com essa prática. Inclusive, eu adorava ver filmes de dança. Foi a partir do filme “Dirty Dancing<sup>2</sup>” que me encantei também pela dança de salão e iniciei minha trajetória com as aulas.

O meu percurso nas academias de Dança se iniciou quando eu tinha 11 anos de idade. Iniciei em uma turma infanto-juvenil de dança de salão e fiquei lá por

---

<sup>1</sup> Desde 2005 considerado o maior festival de dança do planeta em número de participantes, segundo o Guinness Book, é também o único entre os grandes festivais mundiais a reunir uma grande diversidade de gêneros, como o balé clássico, balé clássico de repertório, contemporâneo, jazz, sapateado, danças populares e danças urbanas, apresentados por escolas, grupos e companhias de dança do Brasil e do exterior. O Festival de Dança de Joinville busca promover a dança como uma expressão artística e cultural. Ao longo de sua realização são ofertados cursos, oficinas, workshops, seminários de dança, projetos comunitários, debates, palestras, além das próprias apresentações de danças e muitos mais. A cidade fica cheia de palcos localizados em lugares estratégicos onde ocorrem apresentações simultâneas de diversas modalidades de dança. É como adentrar em um filme musical.

<sup>2</sup> Filme americano, que estreou em 1987 em formato de musical conta a história de uma jovem que se apaixona por seu instrutor de dança, durante as férias em um resort.

aproximadamente 2 anos e meio. Em seguida, tive uma pequena pausa pois a turma fechou e iniciei em uma outra academia de nome conhecido: “Jaime Arôxa”. No entanto, fiquei lá apenas 6 meses pois não me identifiquei tanto com a metodologia de ensino. Desmotivada, fiquei parada por alguns anos e só fui retornar em 2017, mesmo ano em que entrei na Faculdade de Educação, no curso de pedagogia. A academia de dança na qual entrei não era grande, mas era aconchegante, as pessoas me receberam com muito carinho e demonstraram muito afeto em um curto período de tempo. Além disso, eu me sentia extremamente à vontade para aprender, e principalmente, para errar.

Os professores e os bolsistas eram extremamente pacientes e compreensivos. Estou lá desde então. Tornei-me bolsista e posteriormente professora de uma turma para uma faixa etária de 11 a 17 anos. Com base no perfil priorizado nas seleções, os bolsistas são, em geral, jovens com aptidão motora para a prática da dança de salão que evoluem mais rapidamente por conta do grande número de aulas que fazem. Em função disso, os bolsistas tem como dever, ajudar os alunos pagantes. Em troca, podem fazer qualquer aula que quiserem de forma grátis.

Quais possibilidades que a dança traz para quem a pratica? Costa (2005) afirma que a dança pode ser instrumento facilitador pedagógico na construção de saberes, já que possui a capacidade de contribuir na plena formação do sujeito, abrindo caminhos para o desejo de obter conhecimento, aprendizado e desenvolvimento como ser humano através de uma linguagem não verbal. Já Barros e Teixeira (2010) ao tratar da dança de salão, defendem que esta exerce influência direta nos hábitos, comportamentos e autoestima dos participantes que optam por realizar esta modalidade de forma muito positiva.

No papel de aluna, acompanhei as várias etapas do aprendizado da dança, assim como a progressiva educação do grupo de alunos em relação a uma filosofia própria da dança de salão, que apresenta códigos corporais e regras próprias. Pude ver a evolução de muitos alunos, principalmente em relação à comunicação e cooperação com os outros indivíduos. A dança de salão é praticada em duplas, onde um parceiro é codependente do outro, o tempo inteiro. Por essa razão, cada sujeito aprende a trabalhar elementos como escuta, paciência, companheirismo, respeito e a afetividade.

Santos (2005) enfatiza que as danças de salão ocorrem por uma ação mútua de cooperação. Essa proposta contribui para uma equidade corporal, mesmo que não simétrica, no processo educacional e artístico das danças de salão por apresentar as noções de condução e corpohomólogo, ou seja, um corpo individual, que possui a capacidade desempenhar a mesma função do seu parceiro, tendo como hipótese a existência de uma intenção mútua dos corpos nessa dança.

Esta pesquisa objetiva refletir sobre a dança de salão, analisando os benefícios que cercam esta prática em diferentes esferas. Para essa reflexão, alguns pontos serão centrais: o ensino da dança de salão em espaços não formais, as práticas pedagógicas na dança de salão e a contribuição da prática da dança de salão para o desenvolvimento da sociabilidade. A pesquisa se apoiou em revisão bibliográfica complementada por entrevistas com os professores, os alunos e os bolsistas da academia de dança de salão da qual faço parte.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, desenvolvo um breve histórico da dança na sociedade ocidental, com ênfase na dança de salão. No segundo capítulo, apresento e discuto os dados relativos às entrevistas com profissionais e alunos da dança de salão, buscando reconhecer a relevância desta atividade para estes e para a sociedade em geral. No terceiro capítulo, desenvolvo a reflexão perante as diferenças entre os modelos de educação formal, informal e não-formal e encerro com a reflexão da dança de salão dentro da perspectiva pedagógica.

## CAPÍTULO 1 - DANÇA DE SALÃO, UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO

### 1.1 A origem da dança

Para Gallahue (2005) todo indivíduo deve ser lembrado a si mesmo da sua posição individual de aprendiz quanto ao processo de desenvolvimento motor, ao longo do tempo este desenvolvimento sofre alterações de acordo com o meio. O autor também afirma que diversos fatores ligados às atividades motoras e desempenho físico interagem em conjunto com o desenvolvimento cognitivo e afetivo e para tal há uma gama de exigências do período da infância.

Desta forma, a dança como atividade motora contribui significativamente para o desenvolvimento corporal desde os primórdios da civilização. Mendes (1985) afirma que a dança é uma das mais antigas formas de arte, capaz de expressar emoções simples e complexas com ausência da palavra. Para Mendes (1985), a dança pode ser considerada uma arte completa, exprimindo sensações e mensagens, sem a necessidade de palavras, de maneira compreensível e universal.

Santos (2005) discorre uma teoria, dentro de um panorama histórico progressivo a respeito de um novo modelo humano de evolução, que resulta em um preceito que aponta para uma luta exaltada de ensinamentos e soberania de ações realizadas pelo ser humano. A primazia deste pensamento científico tem suas raízes no princípio de racionalidade difundido a partir do século XVI, em que o ser humano busca o conhecimento verdadeiro através de possibilidades sequenciadas. Ademais, o conhecimento aplicado e inflexível é ocasionado por cálculos que foram pensados a fim de alcançar o ponto de qualificação.

O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (SANTOS, 2010, p.28).

Este determinismo científico moderno, que aborda as conjecturas humanas é aplicável à dança, porquanto esta configura um modo de influência sobre o

conhecimento em si e na relação com o outro, que implica nos pontos sociais e naturais. Desta forma, o vínculo criado na ação dos corpos o faz por um mover específico de informação pautada no conhecimento aprofundado.

Faro (1986) lembra que não há como precisar de que modo e quando a primeira dança aconteceu, nem mesmo as razões pelas quais o homem dançou, mas afirma que a dança tem indícios pré-históricos em relatos arqueológicos e que algumas inscrições associam a dança a cerimônias religiosas. Nesses casos, a dança está diretamente ligada à origem de algumas religiões, como partes integrantes destas.

De acordo com Faro (1986), algumas danças folclóricas descendem de manifestações de danças religiosas, tendo saído dos templos para as praças públicas, ganhando outros públicos e participantes, uma vez que deixaram de estar restritas a um grupo específico e a um local específico. O simbolismo representado pela dança pode alcançar um poder maior quando obtém caráter popular, arrematando o percurso histórico da arte da dança e distanciando-se cada vez mais das propriedades religiosas.

Desde os primórdios da civilização percebe-se no homem uma necessidade de expressão e as ações humanas estão conectadas à uma atividade intrínseca e individual. Depreende-se que a dança decorre de um movimento do homem que precisa se expressar, seja para exalar a alegria seja para representar algum tipo de desalento à alguma ação divina.

Para Mendes (1985) a dança é entendida como uma arte corporal completa que ultrapassa barreiras.

“Dança é movimento. Movimento e gestos, a partir de sua ordenação no espaço e dentro do tempo, regulada pelo ritmo interior e pessoa do ser dançante, ou exterior a ele, podendo, querendo ou não, expressar sentimentos e emoções. Mantendo-se neste nível, ela se basta para constituir-se uma arte completa, autônoma “(MENDES, 1985, p. 74)

Entende-se que a dança pode superar diferenças culturais e sociais por meio de processos diacrônicos que ocorrem entre dois indivíduos em consequência de importantes relações que existem entre eles e sua correlação com a natureza e a cultura. O desenvolvimento humano se dá através do resultado de ações consecutivas deste processo interrelacional gerado pela dança, sobretudo quando envolve a presença de um parceiro.

Muitos autores propõem definições para a dança, entretanto, Mendes (1985) apresenta uma definição que acredito ser mais próxima do que entendo com a arte de dançar.

“Definir a dança, porém, não é o que mais importa. Na verdade, ela vale pelo que é, pelo prazer que causa em quem a executa ou assiste, desde que realizada dentro do espírito que lhe é específico” (MENDES, 1985, p. 11).

Há dentro de um cenário cultural uma satisfação que é alcançada pela arte da dança, seja assistida, seja dançada propriamente. Na perspectiva social interrelacional, em que as pessoas desenvolvem uma capacidade de tomar decisões de acordo com suas individualidades, há uma influência por aspirações e desejos de acordo com um contexto social. Neste sentido, entende-se que a dança traz benefícios aos olhos, à alma e ao espírito uma vez que esta é uma de suas vertentes finais.

Ried (2003) afirma que a codificação para o ensino de danças remonta à Idade Média, durante o Renascimento cultural que impulsionou a disposição do ensino de danças. Nesta época, surgem os primeiros professores de dança instruídos para o ensino da dança em um papel de socialização. A autora também afirma que neste momento, apesar das diferentes culturas, a dança permite o toque entre casais, norteando mais um momento de evolução comportamental.

Para Ried (2003) houve uma evolução das danças sociais, no que diz respeito ao papel masculino e feminino dentro da dança, espelhado em suas respectivas posições dentro da sociedade. Em uma cultura machista em que o homem se sobrepõe em relação à mulher em diversas áreas, na dança a função da condução compete ao homem, inclusive.

A figura do homem é a que corteja, protege e conduz a mulher, que por sua vez tem uma postura passiva e receptiva, deixando-se seduzir pelo parceiro. Nesta perspectiva, o homem desempenha o papel dominante, daquele que conduz, que lidera a parceira dentro de uma relação colaborativa.

Esta visão em que o homem é o dirigente na tomada de decisões foi disseminada de acordo com o comportamento da sociedade patriarcal, desde a antiguidade. O protocolo de condução criada pela cultura de que o homem tem o domínio sobre a mulher, na questão de condução, seja de ações cotidianas seja na dança, tem relações

histórico-culturais com sociedade da época. A hierarquia existente da figura masculina sobre a feminina convencionou-se por costume.

## 1.2 Dança de salão

De acordo com Perna (2002), a dança de salão pode ser classificada como parte das danças populares, pois é oriunda de episódios sociais, políticos e culturais relevantes da história da sociedade. Sendo uma manifestação cultural ligada às tradições de um determinado povo, a dança exerce a função de transmissora destas tradições de geração em geração, através dos tempos.

Para Souza (2002), a dança é considerada uma arte que promove o estreitamento das relações sociais como amizade romance presentes em diversos eventos sociais como festas e confraternizações. O autor afirma que a palavra “salão” passou a ser utilizada pela conveniência dos espaços utilizados pelos dançarinos para desempenharem as evoluções, em geral os salões, ainda no período histórico do Renascimento Cultural, durante no final da Idade Média.

As primeiras danças sociais, como eram chamadas as danças em casais, surgiram no séc. XIV na Europa. Eram a *base dance* (1350-1550) e o *Pavane* (1450-1650), dançadas exclusivamente por nobres e aristocratas. Nos séculos. XVI e XVII a Inglaterra foi berço da *contredanse*, também só dançada pela Corte (PERNA, 2002, p. 11-12).

A propagação das danças aconteceu no século XVIII através de estilos como minueto, desenvolvendo-se o Cotillos e a Quadrille. No entanto no início do do séc. XIX ocorreram rápidas transformações no estilo da dança de salão e estes estilos foram aos poucos desaparecendo dando espaço para uma nova modalidade: a valsa, que passou a ocupar um lugar de destaque nos bailes de gala da sociedade. Só então a dança social passa então a ser chamada de “ballroom dancing”, ou Dança de Salão.

Para Farmer (2007), muitas danças clássicas são subdivididas em dois grupos: O grupo das danças latinas que compreende o Samba, o Cha-Cha-Cha, a Rumba (de origem latino americanas), a salsa, o bolero, o Paso Doble (de origem hispânica), e o grupo das danças Standard que compreende a Valsa, o Tango, a Valsa Vienense, o Slow

Foxtrot e o Quickstep. Estas são danças mais formais que devem ser dançadas na posição fechada do início ao fim.

A dança de salão consiste na realização de movimentos sincronizados, chamados de passos ou figuras. A partir destes movimentos há uma marcação de condução e resposta entre os dois participantes: o cavalheiro (aquele que conduz) e a dama (aquela que é conduzida). Oliveira (2002) explica que a condução é a orientação a ser seguida pelo conduzido indicando qual o próximo passo a ser executado.

Desta forma, acredita-se que os sistemas interacionais, que surgiram a partir de uma psicologia popular, tinham como finalidade despertar o conhecimento de um consenso geral em consonância com conhecimento científico a respeito de como se dão estes processos de associação entre as pessoas colaborando, assim, para tornar-se colaboradores da compreensão do comportamento humano dentro de um sistema na sociedade. Teixeira (2008) esclarece como se dá esta referência.

No caso da mente, a simulação é a tentativa de replicação do modo como os seres humanos executam tarefas inteligentes. Essa foi a motivação inicial da ciência cognitiva, cujos pesquisadores rapidamente perceberam estar diante de uma tarefa interdisciplinar, que teria de se valer dos recursos da psicologia, da linguística, da ciência da computação e das neurociências – enfim, tudo que pudesse contribuir para o estudo do funcionamento da mente. (TEIXEIRA, 2008, p. 11-12).

As ações comportamentais estão ligadas diretamente a esta ideia de postura intencional que a dança de certa forma acaba exigindo. Para que haja um entendimento e um aprofundamento da metodologia que está relacionada ao movimento dos corpos. A atitude de postura “intencional” é resultado de ações das posturas física e postura de planejamento de projeto.

Na concepção que se ampara em conhecimentos teóricos a respeito da postura física, a metodologia desenvolvida por Dennet (1997) faz do prognóstico sua vertente. O autor afirma que para melhor entender este tipo de postura é necessário fazer uma alusão de soltar uma pedra da mão não atribuindo a ela uma crença ou desejo, entretanto aplicando o peso, massa e aplicando a lei da gravidade para explicar esta ação. Diante disto, o prognóstico é realizado baseando-se na funcionalidade do sistema, sem que haja um conhecimento da matéria interna. Dennett (1997) prossegue explicando que toda matéria, de qualquer natureza, está sujeita às leis da física, e assim, podem e devem ser



explicadas com base em argumentos ligados ao comportamento físico. Esta teoria vai de encontro a teoria da postura física premeditadas pelos seres humanos comparada aos computadores, que trabalham com diversas variáveis

“A tentativa de dar uma explicação ou predição física sobre o computador que joga xadrez seria inútil e um trabalho hercúleo, mas funcionaria em princípio. Poderíamos prever a resposta que ele daria em um jogo de xadrez ao reconstituirmos os efeitos da energia fornecida por todo o computador até que mais um signo fosse impresso no papel e uma resposta fosse dada.” (DENNETT, 2006, p. 36).

No universo da dança aplica-se a teoria da postura física no que o autor considera como ação na dança a dois. Neste momento o comportamento de ambos, durante a dança, pode ser explicado pela ação premeditada dos passos mediante a postura física, assim como na ação da máquina. Nota-se que quando um dos corpos avança em um passo à sua frente, o outro corpo, automaticamente dá um passo para trás.

Esta ação de um corpo que avança e um corpo que recua, fisicamente, é exatamente a ação exposta por Dennett (2006) em ações que se assemelham quando alguém empurra um objeto para frente. Em casos em que há dois corpos no mesmo ambiente ligados pela dança, eles aplicarão os conhecimentos específicos desta modalidade e cada ação demandará uma reação de cooperação, requisitado pela dança. Neste momento, a postura de projeto será introduzida de forma natural pelos corpos. Ou seja, a partir do momento em que o condutor requisitar um movimento ao conduzido, isso ocorrerá de forma sinestésica, natural.

A postura de planejamento realiza-se com base na dedução a respeito de determinada ação. Neste caso, as leis da física, que se aplicam à postura física não necessitam de uma explicação lógica. A previsão feita entre os parceiros é a mesma aplicada no dia a dia, quando se supõe que determinado sistema funcionará da forma que ele foi projetado para funcionar.

“Predições que dependem da postura de planejamento são mais arriscadas do que as que dependem da postura física, em razão das hipóteses adicionais que tenho de admitir: que uma entidade seja projetada como eu suponho que ela tenha sido, e que ela operará de acordo com aquele projeto – isto é, que ela não sofrerá pane. Coisas projetadas são ocasionalmente mal projetadas, e algumas vezes quebram.” (DENNETT, 1997, p. 33).

Desta forma, quando um corpo realiza um determinado passo, supõe-se que o outro corpo tem o conhecimento técnico necessário para corresponder à resposta adequada a ele. Diante da postura física e da postura de planejamento será possível prever qual passo será proposto na sequência da dança de salão.

Há também outro tipo de postura, que juntamente com a postura física e o planejamento de postura é essencial para a dança de salão que é a postura intencional. O comportamento de interpretação do movimento do outro é o que Dennett (1997) chamava de entidade de pessoas, animais e artefatos. Neste ponto de vista o autor apresenta uma explicação para ações ou movimentos de uma entidade. Neste sentido, a postura intencional é entendida como um ato racional.

Inferre-se que os sistemas interacionais dentro da perspectiva da dança de salão, supõe vantagens de predições de movimentos, uma vez que ela é realizada em pares. Mesmo que as posturas físicas e as de projeto não assegurem que o movimento de um corpo acompanhará o do outro, estas podem ser articuladas com a postura interacional que gera mais reciprocidade e cooperação, que são a base da dança de salão.

### 1.3. Dança de salão no Brasil

O nascimento da dança de salão no Brasil, segundo Almeida (2005) está ligada à chegada das danças europeias com a colonização. A dança de salão chega no país como herança cultural das danças de outros países e se mistura às danças já praticadas aqui pelos habitantes da terra, antes da chegada dos portugueses.

O encontro de diversas culturas no período colonial, como a dos escravizados africanos e os indígenas brasileiros se desdobrou em uma vasta gama de novos ritmos e danças que passaram a ser entendidas, como brasileiras. Esta fusão de culturas deu origem a diversos ritmos como o samba, o lundu, o maxixe e a gafieira.

No Brasil, um dos destaques das danças brasileiras é o samba e as suas variantes. Porém, existem muitos outros ritmos que foram essenciais para as músicas de dança em todo o mundo, como o maxixe ou a lambada.

Ried (2003), afirma que a dança de salão esportiva<sup>3</sup> no Brasil, ainda carece de informações do público em geral e por isso, esta modalidade ainda está em fase de desenvolvimento, se comparado com a mesma modalidade que acontece no restante do mundo. No cenário atual brasileiro, a dança de salão engloba uma “[...] diversidade rítmica e uma variação de andamentos que atende desde as necessidades dos mais jovens que precisam gastar as suas energias acumuladas, aos anseios de uma população que anseia por uma vida plena e feliz, como é o caso da Terceira Idade” (ALMEIDA, 2005, p. 130).

Infere-se, então, que no Brasil a dança de salão “hoje está em alta e é vista também como uma prática benéfica à saúde e também às relações pessoais” (TONELI, 2007, p. 70). “A dança de salão [...] apresenta características que trabalham com os aspectos físicos, psicológicos e sociais do ser humano” (TONELI, 2007, p. 54).

De acordo com Ried (2003), para executar a dança de salão são necessários alguns itens como salão, música, calçados específicos e o par para praticar os movimentos. São inúmeros os benefícios da dança de salão, inclusive para a mente, conforme explica o autor uma vez que a música descontraí e a concentração exigida para a execução correta dos passos deixa os problemas e preocupações em segundo plano.

Allen (2002), afirma também que a dança de salão traz diversos benefícios aos seus praticantes que vão mais além do que se movimentar no tempo da música. A dança possibilita interações sociais, desenvolve a autoconfiança das pessoas e também é utilizada como uma forma de evasão para as frustrações do dia-a-dia. O autor continua afirmando que a dança é altamente benéfica para pessoas sedentárias, onde há uma grande melhora nos sistemas cardiovasculares e motores.

Desde que adequadamente orientada, a prática da dança de salão pode auxiliar decisivamente na prevenção de lesões do aparelho de sustentação consequentes do sedentarismo. Os movimentos semelhantes aos do andar [...] exercitam e fortalecem a musculatura do tronco, estabilizando a postura e com isso a coluna vertebral. Além disso, essa movimentação provoca permanente compressão e descompressão dos discos intervertebrais,

---

3 Dança Esportiva é uma atividade que combina desporto e dança, e que permite aos participantes melhorar a aptidão física e bem-estar mental, formar relações sociais e obter resultados nas competições a todos os níveis.

fator indispensável para uma boa nutrição e conservação dessas cartilagens, fator esse que poderá [...] diminuir o risco de hérnias (RIED, 2003, p. 21).

Para Toneli (2007), a dança de salão também potencializa o combate ao estresse e à depressão, o que a torna uma ótima terapia. Para Abreu et al. (2008) esta atividade física auxilia na perda da timidez, permitindo aos seus praticantes um contato mais próximo com as pessoas e ajudando-as na exposição em situações sociais devido ao contato físico necessário e por ser uma atividade que envolve muitas pessoas.

De acordo com Abreu (2008), aqueles que buscam a dança de salão por interesses motivacionais, podem ter diversos benefícios. “Quando estão dirigidas a uma meta específica determinada por fatores intrínsecos e extrínsecos poderão ter alegria, aprender novas habilidades, fazer novos amigos, adquirir uma boa forma e sentir emoções positivas” (ABREU et al., 2008, p. 653).

De acordo com Wright (2003), através do fortalecimento de relações interpessoais e de grupos de dança, os parceiros podem compartilhar interesses em comum, aprender a respeitar os direitos de cada um e mostrar consideração pelo esforço do companheiro. “Fazer parte de um grupo é uma necessidade do homem” (VOLP et al., 1995, p.57). Para o mesmo autor, a dança de salão é capaz de fazer com que um indivíduo que está isolado passe a fazer parte de um grupo social, pois ele irá dançar com alguém, depois com outra pessoa, até que aos poucos estará inserido no grupo. “O saber dançar pode ser a forma de aceite pelo grupo” (VOLP et al., 1995, p. 57).

De acordo com Ried (2003), o fato de a dança de salão ser normalmente realizada em grupos de vários pares favorece a relação intergrupar, por exemplo, na hora de escolher a música, de corrigir um passo ou de se adequar ao ritmo. Esta interação social é ainda mais forte quando a prática envolve um ensaio para uma apresentação em grupo “[...] devido ao esforço conjunto dos diferentes pares” (RIED, 2003, p. 23).

Ried (2003) ainda ressalta outro aspecto positivo da dança de salão que é a possibilidade que o dançarino tem de usar a criatividade na dança, seja em movimentos isolados ou juntamente com seu par. Não existem padrões fixos de movimentos que sejam certos ou errados, qualquer passo pode ser criado desde que respeite o ritmo da música e o caráter da dança. “[...] Usamos os movimentos desde os mais simples aos mais complexos, dos combinados aos isolados, para explorar a nossa criatividade e a

nossa capacidade de imaginação e cognição, para transformar estes movimentos em expressão” A dança de salão como criação e expressão (ALMEIDA, 2005, p.133). Volp et al. (1995) ressalta que esta possibilidade de criação de passos torna a dança de salão uma atividade autotélica, isto é, com fim em si mesma, tornando “a gratificação da experiência [...] tão real e presente que o indivíduo se liberta de uma hipotética realização no futuro” (VOLP et al., 1995, p. 55).

Para Volp et al. (1995), a dança de salão é capaz de se adaptar a qualquer indivíduo, pois o seu nível de dificuldade é variável, indo do mais baixo até o mais alto. “Não será na maioria das vezes que a prática da dança de salão causará frustração (muito desafio) ou tédio (falta de desafio)” (VOLP et al., 1995, p. 55).

## CAPÍTULO 2 – NA VOZ DE PROFESSORES, ALUNOS E BOLSISTAS

Neste capítulo, apresentarei a metodologia de pesquisa qualitativa, que contou com entrevistas realizadas com profissionais que atuam diretamente na área da dança de salão de diversas formas.

Seis pessoas participaram voluntariamente da pesquisa. Dentre os entrevistados, dois são professores com mais de 10 anos de experiência, dois são bolsistas com experiência de cinco a oito anos de atuação e dois são alunos com pelo menos dois anos de prática, cada um.

A faixa etária dos entrevistados vai dos 45 aos 65 anos entre os professores, de 25 a 35 anos entre os bolsistas e de 28 a 45 anos entre os alunos. Este perfil heterogêneo dos entrevistados atesta que a dança de salão é uma atividade acessível a qualquer idade, sendo uma oportunidade de lazer e satisfação pessoal para os participantes.

A pesquisa se interessou pela visão desses sujeitos da dança de salão, pelo o que esta representa para cada profissional e aluno entrevistado, e foi pautada de acordo com os anos de experiência, idade e posição, professor, bolsista ou aluno.

O quadro abaixo apresenta a relação dos entrevistados.

| <b>Função</b> | <b>Tempo de atuação</b> |
|---------------|-------------------------|
| Professor 1   | 20 anos                 |
| Professor 2   | 10 anos                 |
| Bolsista 1    | 8 anos                  |
| Bolsista 2    | 5 anos                  |
| Aluna 1       | 2 anos                  |
| Aluna 2       | 3 anos                  |
| <b>Total</b>  | <b>06</b>               |

O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada a partir de um roteiro composto por dez perguntas, das quais 04 são comuns a todos os grupos de entrevistados e seis específicas para os profissionais atuantes na área e seis específicas

para os alunos. Desta forma, os questionamentos buscaram extrair dos entrevistados sua percepção pessoal e como era a sua relação com a dança de salão.

A entrevista foi realizada individualmente com os profissionais, em seus respectivos locais de trabalho/estudo, com dias e horários marcados e de acordo com a disponibilidade de cada um. Os entrevistados foram comunicados previamente do objetivo da pesquisa a qual estavam sendo inseridos e se prontificaram a responder de maneira clara e objetiva.

Utilizou-se, durante a entrevista, recurso de gravador de áudio a fim de não se perder nenhum dado importante na sistematização das informações produzidas. Os professores, alunos e bolsistas tiveram tempo livre para responder às perguntas, e, conforme necessário, foram realizadas complementações às questões. Em média, as entrevistas duraram de 40 à 50 minutos dentro do ambiente de trabalho dos entrevistados.

Ao término de todas as entrevistas, foram realizadas as transcrições de áudio para então iniciar a análise dos dados. Estes foram analisados por meio de um processo de categorização indutiva, em que os aspectos mais relevantes foram identificados mediante a interpretação de cada unidade de informação produzida pelos entrevistados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da entrevista que serão apresentados revelam uma percepção da importância da dança de salão como atividade extraescolar dentro de um contexto de inclusão social, principalmente no que diz respeito a pessoas que têm dificuldade em relacionar-se ou problemas com a timidez. Em um ambiente inclusivo, os alunos sentem-se inseridos no meio de forma a conquistar a sua autonomia, através das trocas interpessoais, vencendo suas limitações.

O ambiente promove a interação social, dado o fato de que a maioria dos ritmos exige um certo nível de contato físico com outra pessoa. Além disso, há um cuidado por parte dos profissionais de fazer com que as pessoas se sintam acolhidas independente de suas aptidões ou dificuldades.

Há uma preocupação não somente em promover uma aprendizagem, como promovê-la de forma significativa a partir daquilo que o aluno tem a oferecer. Os

profissionais buscam se adaptar aos alunos e são flexíveis na forma como vão ensinar. Ou seja, existe mais de uma estratégia para promover a aprendizagem.

Outrossim, o professor 1 ressalta que, ao perceber que é possível aprender vários ritmos com seu trabalho e esforço, o aluno também acaba desenvolvendo autoconfiança. Para isso, a equipe de professores e bolsista se unem para que os alunos não percam essa confiança por conta de seus erros ou dificuldades. Buscam sempre estar por perto para auxiliá-los quando for necessário, e assim, promover mais segurança e menos medo de errar.

## 2.1 A relação entre os entrevistados e a dança de salão

As respostas dos professores, bolsistas e alunos a perguntas comuns referentes à estas três categorias de entrevistados inicialmente, foram pautadas em 3 aspectos: a relação do entrevistado com a dança, a importância da dança de salão e os seus benefícios, conforme o quadro a seguir:

|                          |  |
|--------------------------|--|
| Quanto à relação pessoal | Todos os entrevistados demonstraram uma relação muito pessoal com a dança de salão, em sua maioria, desde a infância. As relações familiares são fortes influências na escolha desta modalidade de atividade.  |
| Quanto à importância     | Dentro de uma sociedade cada vez mais ocupada, apressada e ligada às tecnologias de informação que distanciam as pessoas, há uma necessidade de um olhar para si mesmo, para um autocuidado e de buscar relações interpessoais. A dança de salão ganha importância em questões relacionadas a saúde mental e física. |
| Quanto às vantagens      | Além de ser uma atividade física, que no conjunto, traz benefícios físicos aos seus praticantes, os relatos sobre o trabalho como a timidez e autoconfiança são pontos relevantes nas respostas, além de ser uma fonte de lazer e entretenimento.  |

Quadro 1 – Concepções professores, bolsistas e alunos  
Fonte: Pesquisa de Campo

Para os professores, a escolha da dança de salão está muito ligada à questão emocional, o professor 1 conta que a dança surgiu na sua vida porque a sua mãe ficou



viúva quando ele tinha 13 anos. Ela adorava dançar, mas o pai não gostava. Então quando ele morreu, “ela ficou um pouco perdida”, “meu pai morreu muito novo e foi a dança que salvou a vida dela”. Percebe-se como na maioria das vezes a dança entra na vida das pessoas de forma benéfica, mesmo em situações de perdas.

Os benefícios da dança de salão como atividade física, como meio de socialização e como um canal para um desenvolvimento pessoal são as principais percepções dos entrevistados. Aos professores, cabe a responsabilidade de ampliar as possibilidades benéficas da dança de salão.

A função social da dança é nítida e totalmente perceptível como no relato da bolsista 1: “A dança surgiu na minha vida quando tinha 10 anos. No começo, era porque eu não podia ficar em casa sozinha e depois eu comecei a me apaixonar pela dança. Decidi dar continuidade, pois sempre me senti bem dançando e sempre admirei a diversidade cultural que a dança de salão proporcionava e que eu não conseguia encontrar em outras danças.”

Toneli (2007) aponta que a dança de salão vem rompendo barreiras ao ultrapassar o preconceito, e passou a ser vista como uma atividade física com muitos benefícios à saúde e às relações interpessoais. Outro ponto que é abordado na entrevista e é apontado pelo autor, é o fato de que a dança de salão tem como característica o trabalho do aspecto físico, psicológicos e social das pessoas que a praticam.

Desta forma, Teixeira e Barros (2010) declaram que a dança de salão também colabora na melhora da postura, diminui o risco de doenças cardiovasculares, além de atuar na prevenção do estresse e melhorar as relações interpessoais, de sociabilidade, entre outros. O autor ressalta a importância de um aproveitamento em potencial das vantagens da prática da dança de salão.

A relevância em dar continuidade à prática da dança de salão comum a todos os entrevistados está diretamente ligada ao aumento da qualidade de vida perceptível a todos. Desta forma, a investigação aponta para o fato de que mudanças ocorram na vida das pessoas ao passo que a dança de salão passou a ser praticada por elas.

## **2.2 A formação continuada e aperfeiçoamento das aulas**

Os profissionais que atuam na área há mais de dez anos confirmaram que os professores de dança de salão enfrentam desafios para manter um estúdio de dança em

funcionamento. Algumas estratégias devem ser utilizadas para atrair novos alunos e para que os alunos antigos se mantenham assíduos.

Neste momento algumas perguntas foram específicas para os professores atuantes e foram divididas de acordo com três quesitos: formação inicial<sup>4</sup>, formação continuada e estratégias de aula.

|                                  |  |
|----------------------------------|--|
| Formação inicial                 | A motivação que levou os entrevistados a uma formação inicial é distinta. Percebe-se que ambos estão ligados de alguma forma a atividade da dança, mas um vem da dança clássica e distinta outro da dança contemporânea.   |
| Formação continuada              | Os entrevistados destacaram a necessidade de aperfeiçoamento do profissional de dança, uma vez que esta modalidade está em constante mudança em relação à ritmos e passos. No entanto, não há uma grande diversidade de locais especializados em formar professores de dança, há pouco registro didático em livros e certa dificuldade de encontrar locais certificados para esta formação.                |
| Estratégias para aulas dinâmicas | Uma boa aula ou uma aula ideal é sempre pautada no conceito de que as dificuldades são superadas e limites são ultrapassados pelos alunos. Neste aspecto, os dois professores entrevistados divergiram em suas opiniões, sendo um buscando a formação técnica do fácil ao difícil e o outro baseado na percepção de rendimento e atenção dos alunos para assim, mudar a estratégia dentro da própria aula. |

De acordo com os professores, há uma dificuldade na formação continuada como explica a professora 2, e que a ausência de recursos foi algo que sempre lhe incomodou. Falta de livro, de uma didática, um curso para se formar professores tecnicamente. Assim, este diz ter sempre buscado ir aperfeiçoando-se além da faculdade. E ressaltou a busca em aprender através de cursos, ou workshops ministrados por outros profissionais consolidados na carreira. Como uma grande rede de apoio onde cada um vai aprendendo com o outro.

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, entendemos Formação inicial a que se trata da colocação do indivíduo como um aluno de dança de salão, visto que ele está tendo um primeiro contato e aprendendo coisas novas, a formação continuada seria o bolsista, onde o indivíduo já tem o conhecimento da modalidade e busca aperfeiçoamento para se tornar professor.

Com esta escassez de recursos didáticos elaborados para formação continuada dos professores, estes profissionais também buscam aperfeiçoamento nas próprias aulas ministradas, que ocorrem com os professores mais antigos. É um aprendizado passado adiante. O caminho solitário deste profissional é limitado pela falta de instituições profissionalizantes na área.

Há uma necessidade de externar neste primeiro momento a máxima em que todos caminhos levam a Deus, adaptada para o contexto da dança em que “todos os caminhos levam à dança” ao passo em que os entrevistados, que percorreram caminhos acadêmicos distintos, tiveram o mesmo destino: a dança de salão. Havia, obviamente, uma certa disposição para a dança nos dois casos, entretanto, o contato com a atividade foi decisivo para uma maior dedicação na área.

Na segunda parte das entrevistas com os professores, dois enfoques foram levados em consideração: a importância da contextualização cultural e histórica e a improvisação na aula.

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| Contextualização cultural e histórica | Ao passo que a dança é uma manifestação cultural, torna-se imprescindível que haja um conhecimento histórico e cultural de determinado ritmo. Desta forma, ter o entendimento de forma completa facilita a incorporação dos alunos em relação à dança.  |
| Improvisação                          | Quando já existe os conhecimentos prévios básicos, em seguida os alunos passam a ter o domínio da técnica da dança, A improvisação torna-se algo natural, de acordo com os entrevistados. Os alunos são incentivados a improvisar, pois a dança é também uma arte de improvisação e intuição. |

A professora 2 explica que toda dança possui uma história, logo, como movimento cultural e social, a dança não começou na escola. Então, contextualizar isso é muito importante. “Cada região dança de um jeito, cada povo dança de um jeito”. A professora 2 reafirma a importância desta contextualização para que os alunos saibam e como consequência alcancem uma facilidade maior em incorporar a dança.

O professor 1 traz a questão da diversidade cultural brasileira e de como o vasto território contribui para estas diferenças. Essas variações estão muito presentes aqui. “Não dá para estudar e saber tudo sobre as danças de salão. Então, procura-se estudar o máximo que se pode”. Em seu depoimento, ele afirma que “é importante passar essa cultura para o aluno para que ele entenda a origem, da onde vem, por que é assim, dentro do possível”.

A dança, como uma modalidade de manifestação cultural ocorre de acontecimentos sociais, políticos ou situações pontuadas da sociedade, para Perna (2002). Desta forma, a dança está ligada às manifestações populares relacionadas a festas, fatos históricos e religião.

Libaneo (1999) ressalta a importância do conhecimento histórico da origem da dança por parte dos professores a fim de compreender melhor seu trabalho, uma vez que estes lidam com a dança como manifestação artística.

### 2.3 Percepção dos benefícios da dança de salão

Na terceira parte da entrevista os três grupos foram submetidos às mesmas perguntas, porém as respostas variam conforme a posição de cada um dentro do ambiente da dança de salão. Os professores trazem a visão de como se comportam seus alunos, bolsistas trazem um olhar um pouco menos técnico e os alunos trazem outros aspectos por estarem inseridos no processo de aprendizagem da dança de salão.

|   |   |
|---|---|
| Visão dos professores em relação aos alunos             | Há uma grande melhora na questão da relação interpessoal dos alunos, principalmente aqueles que já chegam às aulas com esta dificuldade. A autoconfiança e timidez são trabalhadas em consonância, pois toda a questão de equilíbrio emocional é um fator relevante na dança de salão. Ao final, todos são beneficiados com esta modalidade que trabalha os pilares físico e emocional do ser humano. |
| Visão dos bolsistas em relação aos alunos e a si mesmos | Os entrevistados relataram que a inserção no mundo da dança de salão só agregou a eles conhecimento cultural e histórico além de proporcionar um desenvolvimento interpessoal de forma agradável e não imposta. Um dos entrevistados relatou também a mudança nos gostos musicais, ao passo que se sentiu parte da história da música   |

|   |   |
|---|---|
|   | negra.  |
| Visão dos alunos em relação a si mesmos | Os dois entrevistados relataram os benefícios de melhora na autoestima, confiança e sentimento de felicidade por estarem fazendo algo prazeroso e ao mesmo tempo cuidando da saúde. O autocuidado, leveza no dia a dia, e abstração dos problemas também foi relatado pelas alunas. |

A percepção a respeito dos benefícios da dança de salão é notória tanto para professores, como bolsistas e alunos, entretanto, em esferas diferentes.

Os aspectos que mais foram citados pelos entrevistados foram a perda da timidez e um bem estar ocasionado pela dança como atividade física. Para os professores é perceptível esta mudança, as pessoas que possuem problema de socialização, melhoram muito, conforme afirma o professor 1: “A timidez, a falta de comunicação. Isso é muito bacana né. A outra coisa importante é a autoconfiança. Pessoas que não tem confiança e se acham ruins em tudo começam a ver que tudo é possível. A dança ajuda demais nisso aí. Acho que esses dois fatores são muito importantes. O Social e a autoestima.” Para Abreu (2008) de uma forma geral, a dança de salão exerce este papel de facilitador de relacionamentos interpessoais, colaborando para uma melhor convivência entre os praticantes dentro e fora do ambiente da dança

A bolsista 1 relatou que a questão da representatividade e inclusão foi uma outra mudança em sua vida e em sua forma de ver o mundo. A dança permitiu que ela frequentasse lugares que antes não frequentaria, caso não dançasse. Além disso, sentiu-se muito representada em muitas danças como o samba, a salsa e o zouk. Já o bolsista 2 demonstra uma satisfação pessoal e sensação de bem estar ao passar a praticar a dança pois sempre foi um rapaz muito sério e vivia de “cara fechada”. A dança o tornou mais sorridente. Além disso, sua disposição e vigor físico aumentaram, se tornou mais responsável, mais paciente, menos ansioso, mais disciplinado, mais empático, menos envergonhado e mais confiante.

Para a aluna 1, a dança proporcionou o autocuidado, uma vez que a principal transformação que ela percebeu com a dança de salão foi aprender a importância de ter um tempo para si mesma, fazendo algo que gostasse e o quanto isso lhe ajuda a deixar a rotina mais leve.

Todos os participantes da entrevista relataram perceber uma melhora em pelo menos uma área de suas vidas. Mesmo entrando em contato com a dança de salão por caminhos diferentes, percebe-se que todos eles, profissionais, bolsistas ou alunos, tiveram uma melhora pessoal seja esta física, comportamental ou emocional.

A partir da análise destas entrevistas, entende-se que mesmo sendo composto por um grupo de entrevistados de diferentes idades, sexo, formação etc., esses grupos sociais diversos que se interessaram, inicialmente, pela dança de salão por motivações distintas, se beneficiaram em suas vidas.

O resultado da entrevista confirma as afirmações de Allen (2002), que entende que a dança de salão propicia interação social, uma evolução na autoconfiança, atenuando as frustrações do dia a dia, mudando o estilo de vida. A mudança de uma vida sedentária para uma nova postura de autocuidado é ressaltada por todos os entrevistados.

A cooperação entre o casal praticante da dança de salão é fundamental para que a dança se desenvolva, ainda que haja erros e acertos. Desta forma, de acordo com os depoimentos, nota-se um resultado positivo entre o contato físico e a socialização gerada por este processo de desinibição dos praticantes.

Em algumas respostas percebe-se que a dança de salão também é um exercício de tolerância com o outro, promovendo relações de amizade dentro do grupo de praticantes.

Para todos os entrevistados, a dança de salão é considerada uma parte do dia dedicada ao lazer e a maior parte também relatou participar de eventos que incluem a dança de salão. Outros, também relataram que passaram a se interessar por outros ritmos a partir da prática da dança de salão:

“Acho que a principal transformação que percebi com a dança de salão foi aprender a importância de ter um tempo para mim, fazendo algo que eu gosto e o quanto isso ajuda a deixar a rotina mais leve. Minha rotina sempre foi muito pesada, sabe? E estar nesse espaço me ajudava muito a espairecer. Eu ria, me divertida, me concentrava nos passos, via amigos e acaba abstraindo os problemas. Além disso, acho que venci muito da minha timidez. Até participei da apresentação de fim de ano.” - relatou uma das participantes

“Meus gostos músicas definitivamente foram uma das maiores mudanças (risadas). Quando eu conheci a dança, eu não tinha gosto por MPB, Emílio Santiago, por exemplo, hoje eu consigo admirar e amar ouvir mpb. Outra mudança foi na minha forma de ver o mundo. Acho que a dança permite eu estar no meio de pessoas e lugares que eu com certeza não frequentaria, se eu não dançasse. Além disso, me senti muito representada como negra ao conhecer mais a fundo a história de alguns ritmos como a salsa e o samba...” - relatou outra entrevistada.

No decorrer das entrevistas, percebi uma forte presença da filosofia de Paulo Freire, por mais que os entrevistados nunca tivessem tido um contato com sua leitura. Em uma das falas da professora 2, ela ressalta sobre a importância de promover diálogo, debater e aproximar o mundo dos passos de dança ao dia a dia dos alunos. Que é exatamente o que Freire defende em uma educação libertadora, só que trazendo para o contexto do espaço formal de educação.

Trata-se de uma maneira de estimular os alunos a questionarem o mundo através das histórias por trás de cada dança, a pensarem em soluções para suas dificuldades em determinados passos, a se entenderem como parte de um grupo. "As pessoas aprendem a raciocinar e a problematizar o que veem na realidade e não assistir sempre a uma coisa que vem do céu, como se elas só assistissem ao mundo ou vendo televisão" diz Freire.

A Educação Problematizadora não se aplica só a uma disciplina. "É uma abordagem que funciona para qualquer matéria", diz o especialista. Logo, as aulas de dança podem ser sim, um meio ao qual não só pode, como se deve, aplicar esse ensino problematizador

Por exemplo, fazer o aluno pensar sobre a escravidão, racismo e negritude. De onde veio a salsa cubana? E a rumba? De onde veio o samba de gafieira? A rumba é uma dança de adoração aos orixás. A salsa surgiu durante a colonização do Caribe para o comércio de cana de açúcar. Os escravos bailavam salsa dentro dos engenhos. Isso é algo que os professores fazem muita questão de explicar e ressaltar. Pois conhecendo a história de cada dança, os alunos podem se identificar e até mesmo conhecer sua própria história.

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que é em que se acham (Paulo Freire em "Pedagogia do Oprimido")

A Professora 2 ainda ressalta que ter o diálogo e a escuta ao aluno no centro é de suma importância.

Nas relações do grupo, constituiu-se o respeito mútuo às particularidades, constituindo um reconhecimento do outro como diferente, mas numa situação de compreensão e de momentos de cooperação e auxílio, quando proposto em exercícios, ou para a superação de dificuldades.

Portanto, não houve nenhum ponto negativo por parte dos entrevistados em relação a prática da dança de salão. O fato de praticar traz aos participantes um certo desafio de superação pessoal, promovendo uma certa resiliência quando se trata de aprender tanto a dança quando outras atividades fora deste ambiente.



## CAPÍTULO 3 – A DANÇA DENTRO DA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

### 3.1. Concepções e conceitos sobre a educação

O primeiro passo para entendimento das formas em que a educação se dá, é entender o que de fato é educação. Entretanto, o conceito de educação é muito amplo e bem mais abrangente ao passo em que há uma pesquisa mais aprofundada deste assunto. Vale ressaltar que a educação está inserida em diferentes contextos em que o indivíduo está inserido.

A educação tem por princípio fundamental, de acordo com o artigo 2º da LDBN (1996), atender aos indivíduos proporcionando o pleno desenvolvimento, baseado nos ideais de solidariedade humana. Neste sentido, em um mundo totalmente integrado, muitos indivíduos não tem acesso a esta possibilidade de

exercer os direitos de cidadão.

De acordo com Córdova (2008) a educação pode ser definida como um processo de fabricação ou modelação de indivíduos, permitindo que haja uma perpetuação histórica da comunidade. Desta forma, o processo de escolarização torna-se permanente ao longo da vida, seja através de instituições formais, seja em saberes do mundo, conhecimentos gerais e suas “leis” e normas.

O conceito de educação é amplo, uma vez que há inúmeras formas de produzir e realizar educação. A educação está em constante movimento por envolver as pessoas, em geral. Nas relações há sempre um ensinamento, um aprendizado acontecendo, seja em um ambiente próprio para isto, seja em espaços externos.

Há uma espécie de fundição entre a educação e a vida como um todo e a dissociação entre elas não ocorre delimitadamente. Ao nascer, o indivíduo é inserido em um processo de desenvolvimento educativo por meio de referências culturais de acordo com o lugar em que nasce e se desenvolve. Já no ambiente familiar se inicia as experiências educativas que permitem uma primeira leitura de mundo.

Para Brandão (1993):

[...] A educação ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar uns para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz o conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades. (BRANDÃO, 1993, p. 11)

Vale ressaltar que a educação não é um episódio que se restringe apenas ao ambiente escolar, sendo ela um elemento comum às sociedades. A educação possui um papel formador e integrador do indivíduo com a sociedade através dos conteúdos adquiridos.

Existe uma incumbência de adequação do indivíduo às demandas da sociedade por parte da educação de forma geral, colocando-o apto para atuar na vida social. Através dos conhecimentos advindos dela, sejam perpetuados de geração em geração.

Sendo a educação um fenômeno que não se isola na sociedade e na política, a transformação da educação está ligada aos interesses das relações sociais. Influenciada pelo meio natural e social que afetam o desenvolvimento do homem e seu relacionamento efetivo com o meio social.

Durante muito tempo, entendeu-se este conceito geral de educação como uma referência, entretanto na visão da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI da Unesco (1999), havia uma necessidade de uma proposta conceitual que atendesse a sociedade globalizada. A proposta da Comissão Internacional de Educação, foi de que “a educação deveria ser organizada em torno de quatro aprendizagens: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Unesco (1999).

De acordo com este parecer da Unesco (1999) o ensino formal ocupa-se da aprendizagem, deixando a educação não formal em segundo plano. Entretanto, esta não é vista como uma continuidade do ensino formal, fazendo-se necessário a ampliação do entendimento da concepção entre a educação formal, informal e não formal.

A educação apresenta diferentes modelos de acordo com suas especificidades e finalidades: formal, informal e não formal. São modalidades complementares, não sendo uma substituída pela outra, podendo ocorrer em diversos espaços, sejam eles formais, não formais ou informais de educação.

### 3.2 - Educação formal, informal e não formal

Fávero (2007) afirma que os termos educação “formal”, “não formal” e “informal” têm suas raízes anglo-saxônicas, a partir do início dos anos de 1960, em

resposta às necessidades de reorganização dos países europeus depois da 2ª Guerra Mundial. Neste período, houve a necessidade de um maior planejamento educacional e também a valorização de atividades e experiências que aconteciam em ambientes não formais, no caso fora da escola. Fávero (2007) afirma que estas experiências extraescolares estavam ligadas à formação profissional e também à cultura geral.

Inicialmente o grande diferencial entre educação formal e a não formal estava relacionado com o ambiente físico onde estas se davam. Marandino (2009) explica que em alguns países de língua inglesa as ações educativas que aconteciam dentro da escola seriam consideradas formais e não formais (termo pouco utilizado), e o termo informais, para aquelas medidas educativas que ocorriam fora do ambiente escolar.

Entretanto, Marandino (2009) explica que em países latinos e lusófonos os termos “não formal” e “informal” estão relacionados à educação de formas diferentes. Sendo o primeiro o que ocorre em instituições que colaboram com a educação formal de forma agregativa de formação como museus, centros culturais, cursos livres etc.

De acordo com Gohn (2006) é praticamente impossível discorrer sobre a educação informal sem fazer comparações com a educação formal. Para a autora, a educação formal pode ser entendida e diferenciada de acordo com os campos de atuação de cada uma. Na educação formal, que se desenvolve nas escolas, são priorizados conteúdos e desenvolvimento de competências previamente demarcados, já a educação informal é a que será aprendida pelos indivíduos durante seu processo de socialização.

Para Libâneo (2010):

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

Assim, a educação ocorre em qualquer espaço em que os indivíduos frequentem. A educação informal será o produto do comportamento e intervenções vividas nos ambientes diversos da vida cotidiana. Ocorre também que a educação informal ocorre

em vários lugares todo o tempo de forma não intencional e estrutural, entretanto está ligada a modalidade formal por exigência da própria sociedade.

Entende-se que, mesmo que a educação informal aconteça de forma espontânea e envolvendo preceitos familiares e religiosos, ainda há que existir uma conceituação a respeito da educação formal, informal e não formal, respaldada em pesquisas científicas fundamentadas. Desta forma, atenderá a uma demanda globalizada de integração entre indivíduos de realidades diferentes e diferentes contextos que promovem aprendizagem.

Gohn (2006) ainda ressalta que na educação informal haverá um aprendizado amplo sobre o “mundo da vida” e será carregada de valores e culturas totalmente particulares destas ações de pertencimentos e herança cultural, através de processos de compartilhamento de experiências, em espaços e ações coletivas e cotidianas.

Entende-se, portanto, por educação formal, a que tem o espaço próprio para ocorrer, de forma metódica e orientada por um currículo, contendo disciplinas por área de conhecimento em contextos escolares e/ou universitários, por exemplo. Nesta estão institucionalizados os conteúdos e metodologias a serem aplicadas, gerenciada por diretrizes e normas estabelecidas pelo governo, ao passo que a educação informal acontece em diversos espaços em que haja integração de valores e culturas. Já o que entendemos como educação não formal, se dá de modo sistematizado, mas em contextos não institucionalizados.

De acordo com Gohan (2006) existe uma funcionalidade para cada uma das modalidades de educação relacionadas ao processo de aprendizagem de forma geral, entretanto na educação formal, ela é feita através de conteúdos historicamente sistematizados. Desta forma, o aprendizado na educação formal tem por função preparar o indivíduo tornar-se um cidadão ativo na sociedade. Na educação informal o objetivo está ligado à socialização e desenvolvimento do indivíduo através costumes e comportamentos. A educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos. Dessa forma, o principal objetivo da educação não formal é proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais. Para isso, trabalha com a subjetividade do grupo e contribui para sua construção identitária. O autor ainda finaliza ressaltando que a

educação não formal tem por objetivo promover conhecimento de mundo através das relações sociais.

O exercício pedagógico da educação formal torna-se objeto da aquisição e construção do conhecimento, de acordo com as necessidades de uma sociedade globalizada. Neste processo, as figuras do professor e aluno entram em evidência e o aluno torna-se o sujeito de seu próprio processo de conhecimento e aprendizagem.

Para Oliveira (2002) o formato de educação formal, mesmo que ocorra em locais próprios para o processo de aprendizagem, pode apresentar-se de maneira diversa, mudando de acordo com o espaço em que ocorre.

Gohn (2006) reforça, entretanto, que os resultados dos três tipos de educação são distintos entre si. Na educação formal o resultado está na aprendizagem e qualificação; para a educação informal os resultados advêm através de uma visão de senso comum; e na educação não formal este processo ocorre através do desenvolvimento de diversos processos.

Para Gasparin (2002) existem duas maneiras de educação informal

Há muito mais a aprender e desde muito cedo: a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar – sobreviver, enfim. E, para tanto, sempre existiu, também desde muito cedo, uma educação informal, a escola da vida, de mil milênios de existência.” (GASPARIN, 2002, p.173).

Concebe-se, características distintas nas três categorias, no entanto podem ser complementares. De acordo com Gohn (2006, p. 31), as consequências que se esperam das três modalidades: para a educação formal, a aprendizagem e a titulação; para a educação informal, os resultados acontecem a partir da visão do senso comum; porém, na educação não formal, há o desenvolvimento de vários processos.

Para além desta perspectiva, uma referência a respeito deste aprendizado está na pedagogia utilizada por Paulo Freire, na educação não formal. Neste modelo, os educandos, nos “círculos de cultura”, discutiam sua realidade e faziam, além da leitura da palavra, a leitura de mundo.

Freire (1968) afirma que durante muito tempo o aluno foi visto como um ser em que se “depositava” o conhecimento comparando-o a um cofre vazio. Logo após a escola, os alunos "enriquecidos" serão replicadores daquele conhecimento adquirido

durante o ensino tradicional que conhecemos no Brasil, que se entende hoje por educação formal.

Neste sentido, Gohn (2006) evidencia a relevância do estilo de educação não formal, pois está “voltada para o ser humano como um todo”. Não obstante, afirma que a educação não formal não pode substituir a educação formal, mas poderá complementá-la por meio de atividades articuladas com a comunidade educativa.

Gohn (2008), ao estudar a educação não-formal, desenvolvida junto a grupos sociais organizados ou movimentos sociais, chama nossa atenção para as questões das metodologias e modos de funcionamento, por ser um dos aspectos mais relevantes do processo de aprendizagem, mas lembra que é preciso aprofundar as pesquisas ao redor dos movimentos sociais e seus processos de encaminhamento.

A flexibilidade é bastante presente no estabelecimento dos conteúdos que permeiam a educação não-formal, assim como a criação e organização de seus espaços, sendo criados e recriados conforme os modos de ação previstos nos objetivos maiores que dão sentido ao fato de determinadas necessidades de grupos sociais pertencentes à comunidade estarem se reunindo. Por essa razão, as academias de dança de salão podem ser denominadas como um espaço de educação não-formal, pois são considerados os desejos e anseios do grupo com o qual se pretende trabalhar e partindo de estudos, do conhecimento da realidade em questão, fazer uma integração com as ações a serem desenvolvidas.

### 3.3 A dança em uma perspectiva pedagógica

A busca pelas aulas de dança de salão está diretamente ligada às atividades físicas e à recreação, uma vez que, o bem estar proporcionado por atividades físicas se estende à dança de forma geral. Entretanto, não se pode limitar a dança a somente este benefício.

Para Garaudy (1978) o papel da dança incorporado à modalidade da educação, resulta em uma proposta de intervenção a respeito da incorporação da arte e do conhecimento. Atualmente, as atividades físicas que ocorrem em espaços formais, como a escola, não produzem conhecimentos inerentes à arte produzida pelas modalidades eletivas nas aulas.

Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. (FREIRE, 1996, p.43).

Desta forma, é possível perceber que a atividade física e a diversidade de conhecimento cultural e artístico agregado pela dança são modalidades possíveis dentro do espaço formal. Ao permear um olhar didático em relação à dança, nestas situações não se limita a ensino de técnicas, mas atinge um alcance onde há a produção de conhecimento.

A proposta pedagógica trabalha o corpo em movimento, através de diálogos de diferentes saberes, compreendendo a importância desta troca entre dança e conhecimento que é fundamental dentro do contexto de aprendizagem. Desta forma, a diversidade de ritmos e manifestações podem ser trabalhados por meio das danças regionais e modernas (danças que vem surgindo de outras danças, como por exemplo: o zouk que surgiu da lambada). De acordo com Gasparin (2002):

“A problematização é o fio condutor de todo o processo de ensino-aprendizagem. Contudo esta etapa ainda é considerada um momento preparatório para as crianças no que diz respeito a despertar algumas hipóteses rumo ao conhecimento teórico e prático” GASPARIN (2002, p.50)

Entende-se que em uma perspectiva em que o indivíduo seja estimulado a produzir o conhecimento através do questionamento, indagação e da complexidade que abrange todas informações inerentes à dança. Na infância, esta estimulação torna-se benéfica e positiva ao passo que se parte da teoria para a prática através da construção do conhecimento. Pode-se partir da prática para a teoria também.

O processo de ensino e aprendizagem ganha uma conotação nova, um conceito subjetivo e social para o indivíduo em processo de aprendizagem. Os conteúdos são trabalhados através da prática pedagógica e relacionados diretamente às necessidades do indivíduo e seu processo evolutivo. Desta forma, a dança opera de forma em que ocupa um lugar de coletividade.

Diversos temas são abordados relacionando a cultura local a temáticas a serem debatidos transversalmente em espaços formais e não formais, como gênero, sexo, exploração, raça, manifestações culturais, elitização de determinados ritmos, religião,

entre outros. A apropriação histórica dos ritmos e modalidades são propostos de forma intencional a fim de que através de ações didático-pedagógicas, professor e aluno sejam agentes deste processo.

A problematização dos temas através de uma aula expositiva ou de uma prática de pesquisa resulta na assimilação sistemática das questões debatidas através de reflexões. Este processo gera além do conhecimento, a construção da consciência crítica do aluno.

Desta forma, Gasparin (2002) afirma que a instrumentalização é uma das formas de sistematizar o conteúdo que é disponibilizado para a assimilação dos alunos. Para que assim, dentro do processo possam recriá-lo, incorporá-lo e transformá-lo em processos de construção pessoal e profissional.

Gasparini (2002) propõe a didática da catarse, em que há uma expressão elaborada de uma nova maneira de compreensão da prática social. Após um entendimento inicial, o aluno entende que deve sair de um ponto, até então teórico, para a prática. Neste ponto, o aluno entra no que o autor chama de lógica e assim, pode ser avaliado em relação ao que foi realmente assimilado por ele.

Ao passo que o aluno passa a compreender toda esta lógica dialética, ou seja, atento ao processo do movimento real, que ele passa a entender as relações da dança de forma mais ampla. Neste sentido, entende-se que a prática da dança de salão traz consigo muitas marcas históricas, culturais através daqueles que a praticam. Estes indivíduos também acrescentam sua contribuição e não somente assimilam o aprendido.

Na finalização desta perspectiva pedagógica é realmente reafirmado o potencial do aluno em realizar aquilo em que ele se propôs em relação ao aprendido. A prática social que se fundamenta neste momento está pautada na aprendizagem do conteúdo e aplicada na realização, a certeza do aprendido. Assim, a inovação ocorre em um novo uso social de conteúdos teóricos que foram aprendidos na educação formal.

Para Gasparin (2002) houve uma mudança em relação à postura de professores e alunos, no que diz respeito ao conteúdo em estudo. O aluno não está mais a espera de orientações, mas é capaz de agir, intervir e prever possíveis soluções em questões levantadas em outros momentos.



Para Marques (2007), a escola deve ser um espaço que promova a prática corporal de forma direta e intencional. O envolvimento de crianças na construção de cultura, como a dança, de maneira mais contundente propicia um desenvolvimento mais autônomo e racional, colaborando com a confiança e uma melhor desenvoltura corporal.

Entende-se que em uma perspectiva em que o indivíduo seja estimulado a produzir o conhecimento através do questionamento, indagação e da complexidade que abrange todas informações inerentes à dança. Na infância, esta estimulação torna-se benéfica e positiva ao passo que se parte da teoria para a prática através da construção do conhecimento.

Dessa forma, deve-se apresentar ao aluno a possibilidade de criação a partir do que já existe como característica cultural. Ao invés de fazê-lo, simplesmente, reproduzir o movimento como uma ação mecânica, vazia de sentimento e de expressão, é necessário promover uma interação das técnicas corporais que caracterizam os ritmos com a história dos povos que cada um deles nos faz conhecer, propondo uma reflexão acerca de como a prática da dança de salão pode ser inserida na realidade de cada aluno, potencializando suas experiências educacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tratou, de forma breve sobre a relevância do ensino da dança de salão em espaços não formais. Entende-se que dança de salão é toda a dança social, ou seja, que se dança a dois. Os mais variados ritmos são englobados pela dança de salão. A dança é uma das manifestações artísticas mais antigas da humanidade.

De acordo com a perspectiva histórica, a dança de salão teve origem nos gestos e movimentos naturais do corpo humano para expressar emoções e sentimentos, a partir da necessidade de comunicação entre os homens. A dança de salão é uma das mais tradicionais e fortes características culturais brasileiras. É uma expressão alegre e espontânea de seu povo, com seus ritmos e formas de dançar próprios, que despertam a atenção e a admiração.

Ao abordar o potencial cultural educativo da dança de salão, percebe-se que ele é enorme e, mais uma vez, demonstra sua vocação de metrópole formadora de opinião para o resto do país.

Percebeu-se que a riqueza e a diversidade da dança de salão em território brasileiro são grandes e é isto que a torna tão atraente para nós mesmos: o brasileiro é um dançarino nato, extremamente criativo e musical.

Desta forma, os resultados apresentados através das entrevistas realizadas, nos revelam uma percepção da importância da dança de salão como atividade extraescolar dentro da socialização de seus praticantes principalmente para aqueles com dificuldade em relacionar-se ou dificuldades com a timidez.

Pode-se concluir que os alunos se sentem inseridos no meio de forma a conquistar a sua autonomia, através das trocas interpessoais, vencendo suas limitações, uma vez que o ambiente promove essa segurança e interação. Neste sentido, a maioria dos ritmos exige um certo nível de contato com outra pessoa.

A pesquisa ressaltou o cuidado por parte dos profissionais em fazer com que as pessoas se sintam acolhidas independente de suas aptidões ou dificuldades, facilitando todo o processo de aprendizagem. Mas não somente promover a aprendizagem, como também fazê-lo de forma significativa a partir daquilo que o aluno tem a oferecer. Trata-se da importância de se adaptar aos alunos na forma como vão ensinar. A estratégia principal é a união dos professores e bolsista para que os alunos não percam a

confiança por conta de seus erros ou dificuldades. Baseado no que foi discutido neste trabalho, há uma compreensão maior da dança como um processo educacional, ou seja, de cunho pedagógico, não se resumindo apenas em aquisição de habilidades, mas em contribuição para o aprimoramento dos padrões fundamentais do movimento das potencialidades humanas e em sua relação com o mundo. A dança se manifesta de diversas formas em nossa sociedade com objetivos distintos e características diversas. De acordo com as modalidades de educação, formal, não formal e informal, como de suma importância para dispor de maneiras diferentes de se trabalhar a educação foi discutido e unânime entre os autores citados que a educação formal não consegue de forma isolada abordar todas as inúmeras informações que são assimiladas pelos indivíduos e, portanto, cabe a educação não formal, no caso citado deste trabalho, a dança de salão, complementar este processo em contextos que ocorram a aprendizagem de alguma forma.

Contextos esses que envolvem um processo educacional que priorize a prática de atividades que favoreçam atividades culturais, de criação, esportes, rodas de conversas, relações de trocas de vivências, entre diversas outras atividades educacionais. Tanto as conceitualizações quanto os trabalhos empíricos, apresentam interdisciplinaridade e flexibilidade como características desta modalidade de educação. A educação não-formal pode desenvolver-se nos mais variados espaços, sendo uma modalidade crescente no cenário nacional e pouco explorada nos meios acadêmicos.

A educação não-formal refere-se às organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, agências formativas para grupos sociais, educação cívica, etc., com atividades de caráter intencional. A educação não-formal vai além do assistencialismo. Visa ao desenvolvimento de valores, acreditando que a aprendizagem se dá por meio das práticas sociais, respeitando as diferenças existentes para a absorção e elaboração dos conteúdos implícitos ou explícitos no processo ensino e aprendizagem. A dança de salão tem suma importância para alcançar os objetivos da Educação, um deles sendo o desenvolvimento dos aspectos afetivo e social, portanto esta prática propicia ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar.

A dança estabelece limites usando movimentos, estruturando a personalidade e a socialização, pois leva o indivíduo a vivenciar e refletir sobre o meio em que vive e sua

relação com o meio e a sociedade. Como resultado da visão de Paulo Freire, pode-se ter uma compreensão de que a dança, como expressão do corpo em movimento, com ou sem música, é uma forma de alcançar a autonomia do homem.

Neste sentido, a pedagogia dá expressão, em sua ação transformadora, pode livrar o homem da opressão, podendo o sujeito ser feliz. A manifestação da afetividade por meio da dança é a manifestação de uma consciência e de um todo livre que anuncia um novo tempo.

Cheguei ao término deste processo satisfeita com todos os resultados alcançados, comprovando a viabilidade da hipótese levantada. Este estudo não é conclusivo, mas pretende impulsionar uma maior reflexão sobre o ensino da Dança de Salão, bem como de teorias e conceitos acerca deste tema. A manifestação da afetividade por meio da dança de salão é a manifestação de uma consciência e de um todo livre que anuncia um novo tempo. A liberdade depende que o indivíduo reconheça e entenda sua condição limitante, e que após este entendimento, em seguida venha a ação sobre esta realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Everton Vieira; PEREIRA, Luciane; KESSLER, Edio José. Timidez e motivação em indivíduos praticantes da dança de salão. *Conexão: revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*. Campinas, v.6, jul. 2008. Disponível em: <https://polaris.bc.unicamp.br/seer/feff/viewarticle.php?id=342>. Acesso em janeiro 2022.

ALLEN, Jeff. *The complete idiot's guide to ballroom dacing*. Estados Unidos: Alpha Books, 2002. 192p.

ALMEIDA, Cleuza Maria de. *Um olhar sobre a prática de salão. Movimento & Percepção*. Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6. Jan/jun. 2005. Disponível em: <http://189.20.243.4/ojs/movimentopercepcao/viewarticle.php?id=41> . Acesso em janeiro 2022.

ARÔXA, Jaime. *Condução: a linguagem sensorial da dança de salão*. In: \_\_\_\_\_. Dança & Cia. São Paulo: DMC Sistemas e Comunicações Ltda., 1999-2000, Bimestral.

BARROS, T.L.; ANGELI, G.; TEIXEIRA, L.F.F.L. *Preparação do Atleta de Esportes Competitivos*, *Rev. Soc. Cardiol*. Estado de São Paulo, São Paulo, v.15, 2010. Disponível em: [http://www.usjt.br/biblioteca/mono\\_disser/monodiss/078.pdf](http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/monodiss/078.pdf) Acesso em: 23 mar. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994*. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. (Série Legislação; n. 39). Disponível em: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb\\_5ed.pdf?|sequence=1](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?|sequence=1) Acesso em: 20 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. *Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, 2008.

\_\_\_\_\_. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. 1º ed. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. *Referenciais para a formação de professores indígenas*. Brasília: MEC; SEF, 2002. 84 p. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm) . Acesso em: 21 março 2022.

COSTA, V. A. *Formação de professores para a educação de alunos com deficiência: questões acerca da escola democrática*. Universidade Federal Fluminense. Cadernos de ensaios e pesquisas do curso de Pedagogia. Niterói, RJ: UFF, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Caderno 7, Ano 3, 2005.

CÓRDOVA, S. *Infância e linguagem*. 9a. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

DENNETT, Daniel. *Tipos de mente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. *Brainstorms*. Tradução: Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Unesp, 2006.

\_\_\_\_\_. *A perigosa idéia de Darwin*. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FAMER, Jim. *Classification of ballroom dances*. 2007. Disponível em <https://www.worlddancesport.org/About/Dance%20Styles/Latin+&+Standard>. Acesso em fevereiro 2022.

FÁVERO, Osmar. Educação Não Formal: contextos, percursos e sujeitos. *Educ. Soc.*, Campinas, v.28, n.99, p. 614-617, maio/ago. 2007.

FARO, Antônio José. *Pequena História da dança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLAHUE, David, L. e OZMUN, John C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor*. São Paulo: Phorte Editora, 3ª Ed. Brasileira - 2005.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

GASPARIN, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. & BRITO, F (orgs.). *Ciência e público - caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 171-183, 2002.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

LIBÂNEO, José C. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. *Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos*. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MENDES, Miriam Garcia. *A Dança*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico*. São Paulo: Editora Scipione, 2002., Marco Antonio. *Samba de Gafieira: a História da Dança de Salão Brasileira*. Rio de Janeiro: O autor, 2002.

PERNA, Marco Antonio. *Samba de Gafieira: a História da Dança de Salão Brasileira*. Rio de Janeiro: O autor, 2002.

RIED, Bettina. *Fundamentos da Dança de salão*. Londrina, Miodigraf, 2003.

SANTOS, Milton. *O professor como intelectual na sociedade contemporânea*. Revista Ciência Geográfica, Bauru: AGB, ano VII, vol. II, no 19, p. 4-9, maio/ago. 200

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. *A busca do autoconhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *A mente segundo Dennett*. São Paulo: Perspectiva, 2008. \_\_\_\_\_. *Mente, cérebro e cognição*. Petrópolis: Vozes, 2000. \_\_\_\_\_. *Filosofia e ciência cognitiva*. Petrópolis: Vozes, 2004.

TONELI, Poliana Dutra. *Dança de slão: instrumento para qualidade de vida no trabalho*. Assis: FEMA/ Fundação Educacional do Município de Assis, 2007. <https://www.worlddancesport.org/About/Dance%20Styles/Latin+&+Standard>. Acesso em janeiro 2022.

WRIGHT, Judy Patterson. *Social Dance: steps to sucess*. 2. Ed. Estados Unidos: Human Kinetics, 2003.